

ESTA — DO(S) de EMER GÊNCIA

ANTHIA

CLARA

DANIEL

DÉBORA

GABRIELLE

MANN

BLONSKI

MARIA DA

SILVA

ENRIQUE
RAMÍREZ

ESCOLA DA
FLORESTA

FERNANDO
PIRELLA

FERNANDA
PESSOA

GABRIELA
GOLDFER

GILSON
BARRETO

JAMES
LAFRANCO

LARS
MYBBRA

RAFAEL
CATINI

ROY
FUCHTBAUM

TIGUANA
MACHADO

VITOR
CESAR

Curadoria
DIEGO MATOS
PRISCILA ARANTES

2

2018

Organização
DIEGO MATOS E
PRISCILA ARANTES



ArteHoje!

6 APRESENTAÇÃO

Priscila Arantes
Diretora Artística e
Curadora do Paço das Artes

**8 ESTADO(s) de
EMERGÊNCIA**

**Diego Matos e
Priscila Arantes**
Curadores

**14 REPETIÇÕES:
TUDO DÉ NOVO**

Márcio Seligmann-Silva

RAFAEL PAGATINI

Retrato Oficial, 2017

ROMY POCZTARUK

Suíte Transbrasil, 2011

CINTHIA MARCELLE e TIAGO MATA MACHADO

O Século, 2011 / *Rua de Mão Única*, 2013 / *Comunidade*, 2016

ESCOLA DA FLORESTA

Leitura Pública do Relatório Figueiredo, 2016

GABRIELA GOLDER

Lo que queda, 2017

ENRIQUE RAMÍREZ

Los durmientes, 2014

DANIEL JABLONSKI

Diante do aparelho, 2016

GILVAN BARRETO

Série Postcards from Brazil, 2016 - 2018

CLARA IANNI

Repetições, 2017-2018

FERNANDA PESSOA

Histórias que nosso cinema (não) contava, 2017

LAIS MYRRHA

Delírio, 2017

CLARA IANNI e DÉBORA MARIA DA SILVA

Apelo, 2014

JAIME LAURIANO

O Brasil, 2014

FERNANDO PIOLA

Operação Tutoia, 2007-2012

LAIS MYRRHA

Estado Transitivo #2, 2014 / *Estado Transitivo #3*, 2014

VITOR CESAR

Esta é a sua voz, a nossa voz, 2011



APRESENTAÇÃO

Priscila Arantes
Diretora Artística e
Curadora do Paço das Artes

A vocação experimental é uma das mais importantes características do Paço das Artes que se configura, ao longo de seus quase cinquenta anos de existência, como um espaço que abriga a produção de jovens artistas, pesquisadores, críticos e curadores. Por entender que a experimentação é valor fundamental para uma instituição cultural pública, o Paço das Artes exhibe produções que estão fora do mercado já legitimado da produção artística e, que muitas vezes, lançam luz sobre temas urgentes da realidade brasileira. Assim, em um momento que se percebe o retrocesso de conquistas sociais recentes e o avanço de movimentos ostensivos de ordem conservadora, especialmente no ano em que o AI-5 completa seu cinquentenário, torna-se mais que urgente nos debruçarmos sobre a história recente do país.

Estado(s) de Emergência, projeto idealizado pelo Paço das Artes com minha curadoria e de Diego Matos, contou com a produção de dezesseis artistas cujas obras foram desenvolvidas a partir dos anos 2000 e que dialogam com questões relacionadas à implementação da ditadura civil-militar no país. Alguns deles participaram da Temporada de Projetos, programa próprio de fomento da instituição existente há mais de duas décadas, que é nacionalmente conhecido como um celeiro de novos talentos.

Desde que, em março de 2016, o Paço das Artes teve que deixar sua antiga sede na Cidade Universitária, a instituição tem investido em projetos por meio de parcerias com outras instituições artísticas e culturais. Acreditamos, portanto, que *Estado(s) de Emergência*, fruto de parceria realizada com a Oficina Cultural Oswald de Andrade, não somente pôde oferecer um espaço de reflexão para discussões que são candentes dentro do contexto atual no Brasil - tais como violência, censura e violação dos direitos humanos - como também trazer à tona particularidades que permeiam parcela da produção contemporânea brasileira.

Nesta publicação, resultante da exposição que aconteceu entre os meses de setembro e dezembro de 2018, além de imagens das obras exibidas, texto curatorial, mapa do espaço expositivo, fichas técnica e sinopses, apresentamos considerações relevantes de Márcio Seligmann-Silva, Professor Titular de Teoria Literária da Unicamp e membro do Conselho Científico da Coleção ArteHoje!, novo selo de produtos editoriais do Paço das Artes.



ESTADO(s) de EMERGÊNCIA

Diego Matos e
Priscila Arantes
Curadores

Isto é história e, no entanto, quase tudo o que tenho ao meu dispor é a memória, noções fugazes de dias tão remotos, impressões anteriores à consciência e à linguagem, resquícios indigentes que eu insisto em malversar em palavras.

— Julián Fuks, em *A resistência*.

Entre as ideias de reinvenção e resistência inerentes à arte contemporânea, *Estado(s) de Emergência* busca sublinhar uma produção artística altamente prospectiva e de incontestável natureza política, interessada em investigar o passado, encontrando fissuras para colaborar na construção de uma perspectiva de futuro. Para o momento atual de distensão democrática, em largo contexto de crise e impasse, a produção artística, literária e cinematográfica recente – encarada, também, como produção de conhecimento – tem muito a contribuir para a construção de novos enunciados para o debate público, especialmente diante do cenário atual do país.

Em nosso entender, diante do temerário cenário de características distópicas que se avizinha em âmbitos local e global, é necessário fazer crer na retomada e recuperação, em certa medida, de utopias que possam eventualmente nos conectar conscientemente ao passado e gerar iniciativas programáticas para o futuro. E tal perspectiva civilizatória só logrará, caso o passado traumático, ou não, seja constantemente permeado por um permanente escrutínio da sociedade por meio de seus mecanismos de invenção, pensamento e trabalho. Aqui, a arte contemporânea atual tem, então, seu papel basilar. A ideia de *Estado(s) de Emergência* qualifica-se justamente pelo fato de que, ao mesmo tempo em que precisamos lidar com as emergências do antropoceno, temos que estar atentos aos movimentos perigosos de retorno ou retrocesso, reacionários por natureza e motivados pelo medo.

A geração de artistas que demarca a produção selecionada nesta curadoria pode ser circunscrita à própria história recente do Brasil. São profissionais que nasceram durante

o longo período de abertura política, obtendo suas formações nos últimos governos democráticos. Alguns, em uma ponta, viveram a primeira infância nesse período; outros, na extremidade oposta, nasceram em plena constituinte ou naquilo que se convencionou chamar de surgimento da nova república. Aliado a isso, é inegável o marco simbólico dos trabalhos recentes da Comissão Nacional da Verdade (CNV), abertos recentemente à apreciação pública. Por meio dela, e por uma ampla e paulatina transparência construída pelo estado brasileiro, a sociedade civil passou a ter acesso aos dados, informações, registros e memorandos de nossa história recente. Gerou-se um ambiente de interlocução político-social relevante, reverberando, assim, na produção artística.

Na perspectiva de uma política e prática curatorial, o ano de 2018 é crucial e emblemático nas representações de uma história brasileira cronológica: em um só tempo, é o momento em que se completam os cinquenta anos da instauração do Ato Institucional No 5, em dezembro de 1968, e os quarenta anos de sua revogação oficial, em dezembro de 1978. Como é sabido, esse ato oficial “legalizou” as ações mais duras, arbitrárias e violentas promovidas pelo estado de exceção, deixando marcas indeléveis na cultura política e social brasileira. Mesmo com o fim desses atos institucionais, no início da abertura política “lenta e gradual”, seus instrumentos de violência permaneceram escamoteados em práticas escusas do poder organizado do Estado e de nossa sociedade privilegiada economicamente.

Juntamente com um projeto de anistia, oficializado como lei em agosto de 1979, que colocou uma falsa simetria entre os supostos crimes da resistência e os terrorismos de

Estado, perdoando ambos os lados e coibindo qualquer tipo de imputação de culpa por eventuais crimes ou mesmo os pedidos de reparação, gerou-se uma estrutura legal incapaz de repactuar integralmente nossa democracia institucional e social, construindo um enorme impasse ético em nossa sociedade. Nesse sentido, nos dias de hoje, tais escolhas do passado refluíram na esfera pública atual. Nossa arte atual responde, portanto, à própria desconstrução desse impasse. Ou, como diria Hélio Oiticica, talvez uma das urgências da produção artística estaria na possibilidade de reconexão com os fios soltos do passado.

Reunidas nesta exposição, estão obras e reflexões que trazem à superfície as memórias, os traumas e os impasses de nosso conflituoso processo histórico, com destaque para o longo período de ditadura civil-militar (1964-1985), que marcou profundamente a história recente de nosso país. De maneira desassombrada, por meio de estratégias artísticas ancoradas no escrutínio da memória aliadas à profunda desconfiança em relação às narrativas hegemônicas, os artistas propõem novas imagens ou a ressignificação de outras existentes – mas escamoteadas –, numa tarefa paulatina de ativação do consciente coletivo em nome de um real valor de mudança. A ideia de “desassombramento” pode ser percebida pela não implicação direta desses novos atores em relação aos anos sombrios da ditadura, pela própria legitimação de seus anseios e reflexões através dos condicionantes políticos de um estado mais aberto que vinha vigorando até recentemente, aliado também ao arsenal de lastro histórico e de repertório ainda à deriva na invisibilidade e ocultação.

Essas iniciativas se viram também referendadas e em comumhão com um sentido de aproximação e fortalecimento das relações político-culturais na América Latina. Percebeu-se uma sadia sintonia com uma produção cultural já consolidada na América do Sul e, aqui, em parte já chance-lada pelas iniciativas cinematográficas e literárias. Por isso, há também, em exposição, dois exemplos significativos de iniciativas artísticas produzidas pelos nossos vizinhos argentinos e chilenos, o que mostra uma confluência de interesse e linguagem, ao mesmo tempo em que nos faz conhecer as histórias do outro. Em convergência, são as veias abertas das memórias da violência ditatorial na América Latina através da arte, para além da denúncia.

Pensados como formas de resistência ao colapso da memória e como forças antagônicas aos discursos consensuais, os trabalhos apresentados querem, de modo panorâmico, colaborar para um pensamento político e cultural emergente, contribuindo para desatar os impasses de uma crise que nos aflige e que, de certo modo, impedem um passo adiante em nosso projeto democrático de país.

Ao mesmo tempo, as estratégias artísticas adotadas pelos selecionados desta mostra confluem em experiência aos modelos e vivências que estiveram em voga na radicalidade da arte brasileira nos anos 1970. Aliás, é da pluralidade de construções conceituais, técnicas e materiais daqueles anos que parte da nova produção ancora suas abordagens, explorando e experimentando com as linguagens que emergiram no Brasil em plena ditadura. Em essência, são construções poéticas, tanto de um tempo como de outro, cujos estopins de criação e reflexão estão profundamente enraizados no real e numa atenção dedicada às noções de cidadania e esfera pública.

Em certo sentido, a arte assume papel relevante em dar entendimento a nossa modernidade periférica, construindo outros entendimentos para nossas narrativas históricas. E, para grande parte da América Latina, essa parece ser também a tônica, numa iniciativa de se confrontar com as particularidades e durezas dos contextos e tempos de cada um. Em última instância, existem nessas iniciativas, por assim dizer, uma vontade de reconexão reparadora com um passado moderno, progressista e emancipatório que previa, utopicamente, a construção de uma nova ideia de nação. Entretanto, não se trata de um projeto saudosista, mas do rejuvenescimento de uma radicalidade da experiência social e artística que parece ter se diluído.

**GOVERNO DO
ESTADO DE SÃO PAULO**

Governador do
Estado de São Paulo
Márcio França

Secretário de Estado da Cultura
Romildo Campello

Secretária Adjunta
Patrícia Penna

Coordenadora da Unidade de
Preservação
do Patrimônio Museológico
Regina Ponte

**PAÇO DAS ARTES
ORGANIZAÇÃO SOCIAL
DE CULTURA**
Conselho de Administração
Presidente
*Antonio Hermann Dias Menezes
de Azevedo*

Vice-Presidente
Marcelo Hallake

Conselheiros
*Mauro Andre Mendes Finatti
Renata Letícia da Silva
Rosa Amélia de Oliveira Penna
Marques Moreira*

Conselheiros Consultivos
*Cecília Ribeiro
James Sinclair
Max Perlingeiro
Nilton Guedes*

Diretora Cultural
Isa Castro

Diretor de Gestão e Finanças
Jacques Kann

PAÇO DAS ARTES

Diretora Artística e Curadora
Priscila Arantes

Núcleo de Comunicação
Flávio Silva

Núcleo Educativo
Coordenadora
Christiana de Moraes e Silva

Educador
Thiago Dombrowski

Núcleo de Projetos
Coordenadora
Larissa Souto

Produtoras
Camila Terra e Vanessa Rodrigues

Núcleo de Montagem
Coordenador de Manutenção
Alexandre Oliveira Rodrigues

Coordenadora de Montagem
Maria Gonçalves

Equipe de montagem
*Aldo Pinto Rosado Filho
Anderson dos Santos Moraes da Silva
Moises dos Santos Silva
Rafael da Silva Corrêa
Renan Leonardo de Jesus
Salvador Febrônio da Silva Filho*

Núcleo Receptivo
João da Silva Lourenço (Índio)

Secretária da Diretoria Artística
Danielle Oliveira

**POIESIS
ORGANIZAÇÃO SOCIAL
DE CULTURA**

Diretor Executivo
Clovis Carvalho

Diretor Administrativo-Financeiro:
Plínio Corrêa

Assessora Técnica
Maria Izabel Casanovas

Superintendente do programa
Oficinas Culturais
Tiago Saraiva

**OFICINA CULTURAL
OSWALD DE ANDRADE**

Coordenador Geral
Valdir Rivaben

Coordenadora de Produção
Eliety Teixeira

Técnica de Programação
Letícia Pinto

Auxiliares Administrativos
*Katía Jacinto
Maria Pádua*

Produtores Operacionais
*Duarte Mariano
Eric Sevilha
Jair Gabriel*

Recepcionista
Raquel Emiliano

**EXPOSIÇÃO
ESTADO(s) de EMERGÊNCIA**

Curadoria
*Priscila Arantes
Diego Matos*

Artistas
*Cinthia Marcelle
Clara Ianni
Daniel Jablonski
Debora Maria da Silva
Enrique Ramirez
Escola da Floresta
Fernando Piola
Fernanda Pessoa
Gabriela Golder
Gilvan Barreto
Jaime Lauriano
Lais Myrrha
Rafael Pagatini
Romy Pocztaruk
Tiago Mata Machado
Vitor Cesar*

Design Gráfico e Identidade Visual
Guilherme Falcão

Expografia
Tiago Teixeira Guimarães

Textos
*Diego Matos
Flávio Silva
Priscila Arantes*

Revisão de textos
Regina Stocklen

Equipamentos audiovisuais
Fusionáudio

“A curadoria agradece a parceria dos artistas e a todos que resistiram e lutaram nos anos sombrios de ditadura civil-militar brasileira”.

**COLEÇÃO ARTEHOJE!
ESTADO(s) de EMERGÊNCIA**

Organização
*Diego Matos
Priscila Arantes*

Coordenação editorial
Flávio Silva

Design gráfico e diagramação
Guilherme Falcão

Textos
*Diego Matos
Flávio Silva,
Márcio Seligmann-Silva
Priscila Arantes*

Revisão de textos
Regina Stocklen

Fotografias
*Cinthia Bueno
divulgação artistas
e frames de vídeos das obras*

Todos os textos deste livro são de responsabilidade de seus respectivos autores

**CONSELHO CIENTÍFICO
DA COLEÇÃO ARTEHOJE!**

Jane de Almeida
University of California, San Diego

Jorge La Ferla
Universidad de Buenos Aires

Márcio Seligmann-Silva
*Universidade Estadual de
Campinas*

Nydia Gutierrez
*Curadora-chefe do Museu de
Antioquia*


Octavio Zaya
*Diretor da Atlântica – Journal of
Art and Thought (USA)*

Priscila Arantes
*Diretora Artística e
Curadora do Paço das Artes*

Patricia Moran
Universidade de São Paulo

Paulo Bernardino de Bastos
Universidade de Aveiro

Simone Osthoff
Pennsylvania State University



DADOS INTERNACIONAIS DE
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Sandra Regina Toledo – CRB8 8146 E79

Estado(s) de Emergência
org. Diego Matos; Priscila Arantes
São Paulo: Paço das Artes, 2019

64 p.; il., col.; 25 x 18 cm.
(Coleção ArteHoje!)
ISBN 978-85-60919-52-9
1. Arte contemporânea. 2. Arte. I. Título.
CDD 709



ISBN 978-85-60919-52-9

